

Exposições de arte em Minas Gerais: da mudança da capital às exposições gerais de Belas Artes, organizadas por Aníbal Mattos

Art exhibitions in Minas Gerais: from the transfer of the capital to the general Fine Arts exhibitions organized by Aníbal Mattos

*Rodrigo Vivas*¹

*Gabriela Miranda*²

Resumo

A fundação da nova capital de Minas Gerais, atual Belo Horizonte, foi marcada por um período inicial de transformações, no qual se inserem as primeiras manifestações artísticas sob a forma de exposições de arte. Inicialmente esporádicas, essas mostras ganharam maior regularidade e estruturação a partir da atuação do artista Aníbal Mattos, que, após transferir-se para Belo Horizonte, passou a organizar exposições públicas de arte, sendo o responsável pela criação da Sociedade Mineira de Belas Artes (SMBA-MG) e pela organização anual das Exposições Gerais de Belas Artes de Minas Gerais (EGBA-MG). Este artigo tem como objetivo analisar as primeiras exposições realizadas em Minas Gerais, com ênfase em oito edições das EGBA-MG, tomando como base fontes documentais como catálogos, fotografias, matérias jornalísticas e críticas de arte produzidas entre 1917 e 1940.

¹ Doutor em História da Arte pela UNICAMP, é Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG e Professor Associado da graduação na mesma instituição. Lidera o grupo de pesquisa Memória das Artes Visuais em Belo Horizonte. Autor de diversos livros e artigos sobre história da arte no Brasil, entre eles *Por uma história da arte em Belo Horizonte: artistas, salões e exposições* (2012); *Abstrações em Movimento: concretismo, neoconcretismo e tachismo* (2016); *Arte como vocação: Raimundo Coutinho Canavarro* (2018); *Celma Alvim: a presença feminina na crítica de arte e ativismo cultural* (2020), além de obras didáticas do PNLD: *Arte de Perto* (2018) e *Rumos da Arte* (2018). Atua também como curador de exposições em instituições como o Museu de Arte da Pampulha, Museu da Inconfidência e Centro Cultural Usiminas.

² Licenciada e Mestre em Artes Visuais pela UFMG, é professora de Arte na educação básica da rede pública do Estado de Minas Gerais. Desenvolve pesquisas em história da arte brasileira como integrante do grupo de pesquisa Memória das Artes Visuais em Belo Horizonte.

Palavras-chave: Exposições de Arte; Aníbal Mattos; Arte dos Séculos XIX e XX.

Abstract

The founding of the new capital of Minas Gerais, present-day Belo Horizonte, was marked by an initial period of transformation, within which the first artistic manifestations emerged in the form of art exhibitions. Initially sporadic, these exhibitions gained greater regularity and structure through the work of the artist Aníbal Mattos, who, after moving to Belo Horizonte, began organizing public art exhibitions. He was responsible for the creation of the Sociedade Mineira de Belas Artes (SMBA-MG) and for the annual organization of the Exposições Gerais de Belas Artes de Minas Gerais (EGBA-MG).

This article aims to analyze the first exhibitions held in Minas Gerais, with emphasis on eight editions of the EGBA-MG, based on documentary sources such as catalogs, photographs, newspaper articles, and art criticism produced between 1917 and 1940.

Keywords: Art Exhibitions; Aníbal Mattos; 19th and 20th-Century Art.

Introdução

O interesse pelas exposições de arte como campo de pesquisa para os historiadores da arte é recente. O estudo das exposições artísticas visa compreender, para além dos aspectos formais e estilísticos das obras de arte, como as obras realizadas conformam outras realidades ao serem expostas publicamente. A importância das exposições de arte como tema de pesquisa passa a ser uma fonte crucial para o entendimento das relações entre artistas, colecionadores, público, crítica, dentre outros. A exposição de arte é a construção de um espaço simbólico revelador das dinâmicas complexas e de disputa que envolve o circuito de arte. Esses estudos se voltam para o entendimento não apenas da história de *produção dos objetos*, mas como esses objetos conformam realidades no mundo social e no nosso estudo específico, no campo artístico, sendo fundamentais para recuperar os juízos históricos realizados sobre as obras

de arte e seus artistas. Nessa concepção, é possível escapar da busca incansável das interpretações “corretas” no processo de significação das obras de arte. Nesse sentido, uma obra de arte exposta em um museu consagrado produz outros regimes de interpretação ao ser deslocada para espaços não expositivos. O que estamos querendo defender é que o espaço de produção de sentido não está encerrado no espaço da tela conformado pela moldura. Essa discussão inicial não visa reivindicar a construção de um novo percurso analítico que se propõe a substituir outros métodos de análise. Visa, entretanto, demarcar nossa proposta de análise.

Das pesquisas realizadas que têm como foco nosso caminho de pesquisa, encontramos a proposta de Ana Cavalcanti ao afirmar que a prática de expor obras de arte tornou-se “um elemento tão fundamental do ‘pensar arte’ atual, que as recentes narrativas historiográficas buscaram selecionar mostras cruciais para a representação do lugar e do papel de coleções e museus nas comunidades que os administram”. Uma exposição de arte elabora um modo de ver e de exibir, sendo capaz de “sustentar narrativas elementares da História da Arte e seus nexos com a cultura de massa, os jogos e as trocas simbólicas tão caras à manutenção do estatuto artístico que herdamos” (Cavalcanti, 2016, p. 7).

No estudo das exposições, existe um deslocamento da análise de obras individuais e da biografia dos artistas para a compreensão de uma complexa rede de atividades coletivas que envolvem a arte. Neste sentido, são avaliadas as ações dos agentes³ que participam de forma direta ou indireta na produção artística, buscando compreender as “singularidades de períodos artísticos, sociais, políticos e econômicos, quando relacionados a um determinado sistema da arte” (Zago, 2021, p. 8).

Partindo dessas considerações iniciais, nos interessamos pela compreensão dos momentos iniciais das realizações de exposições de arte em Belo Horizonte.

³ Entre os agentes podem constar os artistas, críticos de arte, colecionadores, instituições, museus e galerias, patrocinadores, curadores e projetos de curadoria, público visitante, políticas públicas de apoio ao desenvolvimento artístico e cultural, entre outros. Cf.: Bourdieu, 1989, p. 281-298.

Para tanto, contemplaremos fontes diversas como catálogos de exposições, notícias nos jornais, críticas sobre as exposições e fotografias dos eventos. Considerando como marco a chegada do pintor Aníbal Pinto de Mattos⁴ (1886–1969) com a fundação da Sociedade Mineira de Belas Artes⁵ (SMBA) e a organização das Exposições Gerais de Belas Artes de Minas Gerais (EGBA-MG)

As exposições artísticas em Minas Gerais e a transferência da capital mineira

Embora não contasse com uma instituição de ensino artístico do porte da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) – posterior Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) –, ou mesmo com exposições artísticas regulares como as Exposições Gerais de Belas Artes (EGBA-RJ) ocorridas no Rio de Janeiro, Minas Gerais teve, a partir do ano de 1890, uma grande movimentação de artistas e intelectuais, período em que a transferência da capital, de Ouro Preto para Belo Horizonte, era debatida. Ouro Preto atraiu inúmeros artistas e intelectuais⁶, dentre os quais cabe destacar

⁴ Aníbal Pinto de Mattos nasceu em 1886 em Vassouras, no Rio de Janeiro. Além de pintor, também atuou como pesquisador, escritor, professor e organizou exposições artísticas no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Na capital mineira, foi professor e inspetor na Escola Normal Modelo, além de professor e diretor na Escola de Arquitetura da UFMG. Após fixar-se em Minas, publicou inúmeros estudos relacionados ao campo da literatura, história, arqueologia, música e teatro. Faleceu em 1969, em Belo Horizonte. Cf.: Ávila, 1991.; Vivas, 2007, 2008, 2011, 2012.; Miranda, 2023.

⁵ A SMBA, fundada em 13 de maio de 1918, foi a primeira instituição voltada às Artes em Minas Gerais a unir artistas, intelectuais, membros da imprensa e políticos, com o intuito de institucionalizar e viabilizar o desenvolvimento das mais variadas formas de expressão artística no Estado. Foi composta por artistas que se dividiram entre os cargos de presidente, vice-presidente, secretário-geral, dois secretários e tesoureiro. Com exceção do presidente, todos os outros cargos eram atribuídos por meio de eleição, realizada a cada dois anos. Além dos artistas, a SMBA possui no seu quadro de diretoria membros honorários e nas comissões de imprensa e comércio nomes de intelectuais, jornalistas, críticos e políticos. Cf.: *Minas Gerais*, 24/6/1937, p. 14.; Catálogos das Exposições de Belas Artes de Minas Gerais, 1917-1940.

⁶ Além dos artistas citados, cabe destacar a presença em Minas de Hyppolito Caron (1862–1892) e Alberto André Feijó Delpino (1864–1891), que atuaram respectivamente em Juiz de Fora e em Barbacena. Cf.: Giannetti, 2015, p. 87–100.; Giannetti, 2017a.

os pintores Francisco Aurélio de Figueiredo (1893 e 1894); Emílio Rouède (1893 e 1894); Henrique Bernardelli (1898); o jornalista Alfredo Camarate (1893 e 1894), o escritor Coelho Neto (1893); o poeta Olavo Bilac (nos últimos meses de 1893 até início de 1894). Ao lado destes, atuando na mesma época, encontravam-se os nomes locais do escritor Affonso Arinos [...] dos historiadores Diogo de Vasconcellos [...] e José Pedro Xavier da Veiga [...] e do artista ouro-pretano Honório Esteves. (Giannetti, 2015, p. 61)

Estas visitas também demarcaram um interesse pela produção artística colonial em momento anterior à visita da Caravana Paulista, ocorrida em 1924, tendo em vista que todos os artistas e intelectuais citados “se viram tocados de maneira especial pelo extraordinário conjunto arquitetônico colonial, pela força da arte barroca e pela história da antiga Vila Rica, tendo deixado, cada um ao modo próprio significativa manifestação” (Giannetti, 2015, p. 61). Destaco deste grupo o pintor Honório Esteves do Sacramento⁷ (1860–1933), que retornou para Ouro Preto após concluir seus estudos na AIBA; e os artistas Emílio Rouède⁸ (1848–1908) e Belmiro de Almeida⁹ (1858–1935), que estabeleceram estadia temporária na cidade. Estes artistas têm uma importância para a história da arte e para a história da constituição dos acervos de arte de Belo Horizonte, visto que

⁷ Honório Esteves nasceu em Santo Antônio do Leite, distrito de Ouro Preto, em 1860. Aos 11 anos estudou desenho com August Chenot e trabalhou com o pintor Cardoso de Rezende. Em 1873, cursou desenho com o professor Bernardino de Brito, no Liceu Mineiro. Ingressou na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) em 1884, tendo obtido uma subvenção do governo mineiro para custear seus estudos na instituição. Cf.: Vivas, Assis, 2013.; Giannetti, 2015, p. 61–100.; Giannetti, 2017a, p. 243–261.; Rocha, 2017, 2020.; Vivas, 2022a.

⁸ Emílio Rouède foi um pintor francês que chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1880 e se destacou com a produção de pinturas de marinhas, teve sua passagem por Minas Gerais ao fim do século XIX nas cidades de Ouro Preto, Belo Horizonte e Itabira. Entretanto, Rouède não se fixou no Estado, mudando-se para São Paulo e, posteriormente, para Santos. Cf.: Gonzaga Duque, 1995, p. 220–221.; Bilac, 1996, p. 112–114.; Gonzaga Duque, 1997, p. 55–56.; Tavares, 2003.; Bueno, 2004, p. 120–121.; Giannetti, 2010b, p. 540–550.; Giannetti, 2015, p. 33–46.; Vivas, Miranda, 2018; Vivas, 2023, p. 54-91.

⁹ Belmiro Barbosa de Almeida nasceu em Serro, MG, falecendo em 1935 na França. Foi pintor, desenhista, caricaturista e professor. Aos 11 anos estudou no Liceu de Artes e Offícios do Rio de Janeiro, em 1869 e em 1874 passou a ser aluno da Academia Imperial de Belas Artes. Foi professor em ambas as instituições. Realizou diversas viagens a estudos no exterior, passando a frequentar, entre 1896 e 1899 a Académie Julien. Cf.: Reis Jr., 1984.; Schiavinatto, 1990.; Gonzaga Duque, 1995, p. 209-214.; Cavalcanti, 2007. p. 261-269.; Santos, 2009, p. 247–253.; Capichoni, 2016.; Giannetti, 2010a.; Vivas, 2022b, p. 415–430.

suas telas se encontram nos principais museus da cidade: Museu Mineiro¹⁰ (MM) e Museu Histórico Abílio Barreto¹¹ (MHAB).

Neste primeiro momento, no fim do século XIX, ocorriam curtas exposições de obras de arte na cidade de Ouro Preto, anunciadas em curtos textos nos jornais mineiros com indicação do local e breve descrição dos trabalhos, geralmente recém-produzidos pelos artistas, que se encontravam em Minas Gerais. É o caso dos retratos pintados por Honório Esteves (FIG. 01), exibidos no ano de 1885 em uma vitrine de uma loja em Ouro Preto. A trajetória de Honório Esteves é considerada “excepcional, tendo em vista que, embora vários artistas ingressantes na AIBA tenham vindo de origem simples, ele foi o primeiro a receber um auxílio do Estado mineiro para estudar na instituição” (Vivas, 2022b, p. 158). Apesar de todos os esforços, do reconhecimento com premiações nas Exposições da AIBA e das críticas recebidas ao longo de sua trajetória, a atuação de Esteves em Ouro Preto funcionou de forma solitária.

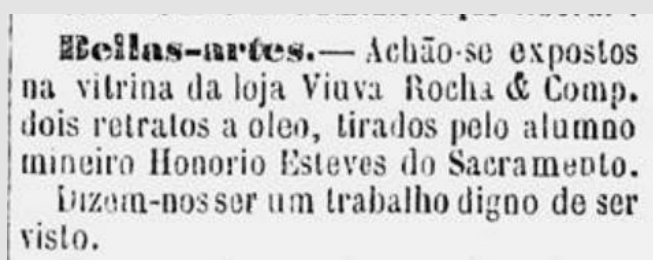


Figura 1. *A Provincia de Minas*, Ouro Preto, n. 247, 12 fev. 1885, p. 1.

Sem espaços adequados para reunir as obras em uma exposição artística, restava aos artistas em Minas exibir alguns dos seus trabalhos em seus próprios ateliês ou em vitrines de espaços comerciais.

Comentários sobre as pinturas já finalizadas ou em produção eram publicados, aproximando os leitores destes artistas que então vinham do Rio de Janeiro para Minas Gerais. Em uma publicação no ano de 1894, no *Minas Gerais*, temos uma descrição de algumas obras do pintor Emílio Rouède que, na

¹⁰ Localizado na Av. João Pinheiro, 342 - Lourdes, Belo Horizonte, MG.

¹¹ Localizado na Av. Prudente de Moraes, 202 - Cidade Jardim, Belo Horizonte, MG.

ocasião, realizava uma exposição em um espaço privado na cidade de Ouro Preto. Na crônica, o pintor é apresentado como um especialista em marinhas, mas observa-se sua produção de paisagens ao ar livre retratando cidades mineiras:

Da grande collecção de quadros, tirados de Ouro Preto, e de algumas marinhas que trouxera do Rio de Janeiro, o artista Emilio Rouède destacou quatro pinturas, para expôr na casa Ferreira Real. (...) Uma das paisagens expostas, representa o Itacolomy; esse magestoso e pittoresco estribilho, que acode, com attracções de serêia, em todas as canções e lendas ouro-pretanas. No quadro de Emilio Rouède, o gracioso pico apparece azulado pela perspectiva aérea e formando o ultimo plano da composição; em que o primeiro plano representa a natureza atormentada e pedregosa do Morro da Forca. (*Minas Geraes*, 08/04/1894, p. 02)

Os artistas deste período geralmente se dividiam entre a produção artística, o ensino¹² e outras atividades relacionadas às artes e ofícios. Alguns poucos textos eram publicados na imprensa sobre a passagem dos artistas, em formato de anúncio e de crônicas, tendo em vista que, em alguns casos, os artistas ofereciam serviços como fotografia e aulas de pintura e desenho.

Dos artistas até aqui citados, destaco a exposição e compra de uma obra de Belmiro de Almeida. Realizada antes da transferência da capital¹³ de Ouro Preto para Belo Horizonte. A exposição foi realizada no Liceu de Artes e Ofícios de Ouro Preto em 1897, onde foi exibida a tela *Má notícia* (1897), adquirida pelo governo mineiro para compor uma coleção pública¹⁴.

¹² Ambos os pintores Rouède e Esteves instalaram seus ateliês na cidade de Ouro Preto, conduzindo o ensino do desenho. Rouède criou uma Escola de Desenho e Pintura a partir de 1893 em seu próprio ateliê e Honório Esteves assumiu entre 1886 e 1888 as aulas de Desenho Elementar do Curso Profissional do Liceu de Artes e Ofícios e, a partir de 1890, passou a ser professor de Desenho e Caligrafia na Escola Normal de Ouro Preto. Cf. Giannetti, 2015, p. 80.

¹³ A construção de Belo Horizonte foi realizada pela Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), uma comissão provisória que funcionou entre 1894 e 1897. A equipe da Comissão foi composta por engenheiros, arquitetos e construtores, escolhidos pelo engenheiro Aarão Reis, responsável pela administração inicial, que foi seguida por Francisco Bicalho, a partir de 1895. Cf.: Barreto, 1995.

¹⁴ A pintura *Má notícia* tinha como destino a Pinacoteca do Estado, algo ainda não concretizado até os dias atuais. Hoje, a tela faz parte do acervo do Museu Mineiro e é exibida na Sala das Sessões, entretanto a instituição reproduz em seu discurso curatorial o rótulo de acadêmico para esta e as demais telas disponíveis na mesma sala, dentre as quais estão trabalhos dos pintores Honório Esteves, Genesco Murta, Aníbal Mattos, José Marques Campão, Renato de Lima, entre outros.

Apesar da mudança da capital, não houve uma grande modificação no modo de expor obras de arte até a primeira década de 1900, continuando a predominar a exibição esporádica de poucos trabalhos em espaços privados. Acompanhando as matérias dos jornais mineiros, a primeira exposição artística coletiva realizada em Belo Horizonte parece ter sido a organizada em 7 de setembro do ano de 1901, no Palacete Steckel¹⁵, por iniciativa do pintor Frederico Steckel¹⁶ (1834–1921). Poucos registros restaram desta exposição, não sendo possível identificar todos os artistas e obras participantes. Segundo Ricardo Giannetti, “não há alusão aos artistas que participaram da exposição. Além do pintor Honório Esteves [...] estima-se que tenham tomado parte obras do próprio Frederico Steckel, entre outros artistas atuantes na cidade” (Giannetti, 2015, p. 124).

Apesar de relevante enquanto um evento inaugural, novas exposições de grandes proporções não parecem ter sido realizadas com regularidade na cidade até a chegada de Aníbal Mattos, que será tema da nossa discussão.

A chegada de Aníbal Mattos a Belo Horizonte

A compreensão do desenvolvimento das exposições de arte em Belo Horizonte passa, necessariamente, pela presença de Aníbal Mattos em Belo Horizonte. O pintor visitou a capital mineira pela primeira vez em 1913, quando realizou uma exposição individual no Salão do Club Bello Horizonte¹⁷.

¹⁵ O Palacete Steckel situava-se na Rua dos Guajajaras e à época era um estabelecimento de trabalho, sendo nele realizadas reuniões do Club das Violetas, fundado pelo pelo pintor Frederico Steckel. Cf.: Giannetti, 2017a, p. 164-167.

¹⁶ Nascido em Dresden, mudou-se para o Brasil durante o século XIX. Teve sua sua passagem pela capital a convite de Francisco Bicalho, então engenheiro chefe da Comissão Construtora da Nova Capital. Coube a Steckel a realização da pintura ornamental e decorativa de edifícios públicos da cidade. Cf.: Giannetti, 2015, p. 113–114.

¹⁷ Aníbal Mattos realizou sua primeira visita a Minas Gerais em 1913, chegando a Belo Horizonte em maio para preparar sua exposição individual, inaugurada em agosto no Salão do Club Bello Horizonte. A mostra reuniu cerca de 76 telas, incluindo obras já exibidas no Rio de

Antes de visitar a capital mineira, Aníbal Mattos já era reconhecido nacionalmente, tendo seu nome veiculado em críticas e matérias de jornais e periódicos de algumas localidades do país, especialmente no Rio de Janeiro, que, graças a seu desempenho e protagonismo nos tempos em que era estudante da ENBA¹⁸ o tornou reconhecido pelas premiações¹⁹ nos Salões oficiais de Arte da mesma instituição e pela crítica de arte carioca.

Em sua primeira mostra em Belo Horizonte, Mattos recebeu críticas de Manoel Pena²⁰ (1871-1939) e Azeredo Netto²¹ no *Minas Gerais*, jornal oficial do Estado. Na exposição foram apresentadas pinturas já expostas no Rio e outras produzidas em cidades mineiras alguns meses antes do evento, visto que Mattos havia iniciado sua estadia em Minas no mês de janeiro de 1913. A abertura

Janeiro e pinturas produzidas em território mineiro, como paisagens de Belo Horizonte, Curral d'El-Rei, Ribeirão Arrudas e Ribeirão da Mata. A exposição teve foi bem recebida pela crítica local, com textos de Azeredo Netto e Manoel Pena no jornal *Minas Gerais*, que destacaram o domínio técnico do artista, o uso da cor e a fidelidade na representação da paisagem mineira, consolidando sua apresentação ao público e à imprensa de Minas Gerais. Cf.: *Minas Gerais*, 7/8/1913, p. 5., 16/8/1913, p. 5; Neto, 19/6/1913, p. 2-3., 13/8/1913, p. 2.; Pena, 23/8/1913, p. 2.; *Almanaque Garnier*, 7/8/1913, p. 2.; *Correio Paulistano*, 7/8/1913, p. 5, 11/8/1913, p. 4, 17/8/1913, p. 4, 1/9/1913, p. 4.; *O Paiz*, 8/8/1913, p. 4-6.

¹⁸ Aníbal Mattos iniciou no Curso Geral da ENBA em 1904, aos 18 anos, finalizando esta primeira fase em 1907, aos 21 anos. Em 1908, à época com 22 anos, passou a frequentar o Curso Especial ou Curso Prático de Pintura, concluindo seu percurso entre os anos de 1910 e 1912, totalizando oito anos de estudos na instituição. Cf.: *O Paiz*, 10/7/1909, p. 4, 22/5/1912, p. 5.

¹⁹ Durante o período de estudos na ENBA, Aníbal Mattos recebeu menção honrosa no Concurso de Modelo Vivo e no Concurso de Pintura de 1909; medalha de ouro no Concurso de Pintura e medalha de prata no Concurso de Modelo Vivo, em 1910. Após formar-se, Mattos foi premiado nas Exposições Gerais com menção honrosa de 2º grau (1914) e menção honrosa de 1º grau (1916). Além dos vários prêmios recebidos ao longo do período de estudos na instituição, foi representante da Escola em dois congressos estudantis de relevância nacional e internacional: o Congresso Nacional de Estudantes, realizado no ano de 1909 em São Paulo e o 3º Congresso Sul Americano de Estudantes, realizado em Lima, no Peru, em 1912. Cf.: *O Paiz*, 10/7/1909, p. 4., 22/5/1912, p. 5.; Museu D. João VI. *Registro dos Alunos Premiados nas Exposições Gerais do Arquivo da ENBA.*; Galvão, 1960, p. 31–51.; Catálogo da XXII Exposição Geral de Bellas-Artes, 1915; Catálogo da XXIII Exposição Geral de Bellas-Artes, 1916.

²⁰ Manoel Pena (1871-1939) nasceu em Sabará, Minas Gerais, foi vereador na Câmara Municipal de Sabará, e professor da Escola Normal deste mesmo município. Colaborou em jornais e periódicos produzindo crônicas e charges, dentre eles: *Folha Sabarense*, *Contemporâneo*, *Colibri*, *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*, *O Malho*, *Minas Gerais*, *Revista da Educação*, *Revista do Ensino*. Foi fundador do jornal *A Onda*, de Sabará e da revista *Novo Horizonte*, em Belo Horizonte. Cf.: Duarte, 2017.

²¹ Possivelmente Antônio Caetano Azeredo Netto, jornalista, professor e escritor, filho de Caetano de Azeredo Coutinho, o “Mestre Caetano”. Cf.: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. *Mestre Caetano de Azeredo Coutinho, patrono da cadeira número 32.*

contou com a presença de artistas, intelectuais, membros do governo e público geral²².

Azeredo Netto comentou que Mattos ampliou “em quadros magníficos os croquis que tirou de alguns pontos da Capital e de Pedro Leopoldo” (Netto. *Minas Gerais*, 19/6/1913, p. 2), os trabalhos também expostos no Rio foram “francamente elogiados pelos cariocas, tão exigentes sempre em suas apreciações sobre cousas d’arte”. Para Netto, Mattos era um artista de futuro, que “soube copiar, com notavel fidelidade, encantadoras faxas da nossa terra”. As telas de Aníbal Mattos, de colorido firme, apresentavam a “luxuriante vegetação mineira (...) com natural perfeição” em trechos da capital e do Ribeirão da Mata “ora serpeando entre immensos blocos de pedra, ora seguindo mansamente o seu curso, banha o aprazível districto de Pedro Leopoldo, tão importante pela sua vida agricola e industrial, é bem uma prova eloquentissima do seu genio artistico”.

Já a impressão de Manoel Pena do conjunto exposto era de que, num golpe de vista de todas as obras exibidas, Aníbal Mattos “dá-nos sobejas provas de conhecimento de desenho, das leis da perspectiva, dos effeitos de luz e sombra e, sobretudo, do segredo das combinações das côres e sua exacta applicação” (Pena. *Minas Gerais*, 23/8/1913, p. 2).

Após esta primeira exposição, Aníbal Mattos transferiu-se definitivamente do Rio de Janeiro para Belo Horizonte²³, no ano de 1917, assunto que tratarei no tópico a seguir.

²² A primeira exposição de Aníbal Mattos em Minas foi realizada em agosto de 1913, no Salão do Club Bello Horizonte. Com a expectativa de que fossem apresentadas mais de cem telas, a exposição contou com algumas pinturas já expostas no Rio de Janeiro e outras que Mattos produziu em Minas, antes do evento. Dentre os presentes na abertura estavam Bueno Brandão, tenente coronel Vieira Christo, Julio Brandão Filho, oficial de gabinete; Ollyntho Meirelles, prefeito da Capital; Delfim Moreira, secretário do Interior; Arthur Bernardes, secretário das Finanças; José Gonçalves, secretário da Agricultura, além de artistas, escritores, acadêmicos e o público geral. Cf.: *Minas Gerais*, 7/8/1913, p. 5; *Almanaque Garnier*, 7/8/1913, p. 2.; *Correio Paulistano*, 7/8/1913, p. 5, 11/8/1913, p. 4, 17/8/1913, p. 4, 1/9/1913, p. 4.; *O Paiz*, 8/8/1913, p. 4-6.

²³ Não foi possível localizar registros que comprovem a motivação de Mattos em transferir-se para Belo Horizonte, no entanto, sua mudança coincide com o período em que ele assume o

A transferência de Aníbal Mattos para Belo Horizonte

Aníbal Mattos transferiu-se do Rio de Janeiro para Belo Horizonte no ano de 1917. Sua mudança para Minas ocorreu quatro anos após sua primeira visita à capital mineira. Com a mudança para Minas, Mattos passou a dedicar-se ao desenvolvimento de sua produção artística: a pintura de paisagem, tendo como principais temas as cidades e monumentos históricos e religiosos de Minas Gerais.

Mattos também contribuiu para a fundação e direção de instituições²⁴ e publicou uma extensa lista de livros e textos relacionados à arte brasileira²⁵. Apesar da multiplicidade de ações desenvolvidas pelo artista, poucos são os estudos dedicados tanto à análise de sua produção artística quanto ao seu papel como articulador do campo artístico mineiro, considerando as exposições de arte por ele organizadas²⁶. Neste trabalho, propomos uma análise do papel da SMBA

cargo de professor de desenho na Escola Normal, onde foi atuante até o ano de 1937, tendo ocupado também os cargos de diretor e inspetor do ensino de desenho do Estado.

²⁴ Aníbal Mattos participou da fundação da Escola de Arquitetura da UFMG, onde também foi diretor; foi membro da Academia Mineira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

²⁵ Para citar alguns livros de autoria de Aníbal Mattos: *Arte colonial brasileira*, 2 vols. (1936); *As artes do desenho no Brasil* (1923); *As artes nas igrejas de Minas Geraes* (1936); *Bellas-artes* (1923); *Das origens da arte brasileira* (1936); *História da arte brasileira* (1937); *Mestre Valentin e outros estudos* (1934); *Monumentos históricos, artísticos e religiosos de Minas Geraes* (1935).

²⁶ Alguns estudos sobre o campo artístico em Belo Horizonte propuseram uma reavaliação das ações de Aníbal Mattos, cabendo destacar o trabalho de análise da produção artística e da atuação de Mattos na organização de exposições desenvolvido por Rodrigo Vivas (2007, 2008, 2011, 2012, 2016). Este trabalho pode ser considerado o primeiro concentrado em demonstrar as divergências formais entre as obras do artista e o rótulo “acadêmico” que lhe foi atribuído. Também podemos citar os trabalhos de João Ivo Dapieve Miranda Pinheiro Duarte Guimarães (2010, 2011) e de membros do Núcleo de Estudos sobre Cultura Contemporânea (NECC), entre 2008 e 2010 (Fígoli, Coelho, Noronha, 2008; Ayer et al. 2010). Nestes trabalhos foi proposto um questionamento sobre o uso do conceito “acadêmico” em referência ao trabalho de Mattos bem como suas ações pedagógicas e articulações para a organização de exposições em Belo Horizonte.

e Aníbal Mattos na organização de dez edições das EGBA-MG ocorridas entre 1917 e 1940.

A Sociedade Mineira de Belas Artes

Desde o primeiro ano de sua transferência para a cidade, Mattos passou a organizar e financiar por décadas as exposições coletivas que receberam nomenclatura similar às exposições oficiais da ENBA no Rio. As Exposições Gerais de Belas Artes de Minas Gerais, iniciadas em 1917, foram organizadas pelo pintor sob a direção da Sociedade Mineira de Belas Artes, por ele fundada em 1918.

Entre os objetivos da SMBA estavam²⁷: “promover estudos e investigações e difundir a cultura artística, (artes plásticas) literária e musical bem como investigar trabalhos e pesquisas relativas á arqueologia e ás origens da arte brasileira” (*Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24/6/1937, p. 14).

Neste sentido, a SMBA visava o campo artístico, perpassando o ensino, pesquisa, divulgação, exibição e proteção das Artes, com especial destaque para os objetivos de fundar Escolas de Artes, organizar anualmente as EGBA-MG, fundar uma Pinacoteca, realizar Congressos e editar revistas dedicadas a diversos temas, entre eles o teatro, as artes plásticas e arqueologia. A associação de Mattos à Academia Mineira de Letras (AML) a partir da década de 1920 e ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), a partir da década de 1930, também contribuiu para sua dedicação aos estudos do patrimônio artístico e cultural de Minas Gerais.

Apesar do incentivo de alguns políticos, membros da imprensa e de instituições como a AML e o IHGMG, a SMBA funcionou por décadas sem qualquer financiamento público (*Minas Gerais*, 23/9/1936, p. 10). Aníbal Mattos

²⁷ Esse aspecto é fundamental, pois Mattos não concentra seus esforços apenas nas *Belas Artes*, inserindo as questões literária e musical. A arqueologia, entretanto, estava dentro do escopo das preocupações, inclusive sendo contemplada na AIBA.

jamais recebeu qualquer apoio financeiro²⁸ por parte do governo Estadual ou Municipal para a instituição.

Um dos principais objetivos da Sociedade era que o ensino artístico em Minas se tornasse preocupação do governo do Estado. Aníbal Mattos defendia a necessidade da fundação de uma escola prática de Belas Artes (*Minas Gerais*, 6/9/1917, p. 7), acreditando que isto impactaria tanto na formação de professores como no sistema universitário do Estado. Não bastava criar um ambiente propício para expor obras de arte em Minas. Era preciso educar, formar o público, formar novos artistas e desenvolver o debate sobre as artes no Estado, como previam os objetivos e normas do estatuto SMBA.

Mesmo com a frequente abordagem do tema, a fundação de uma Escola de Belas Artes na cidade²⁹ parecia distante dos planos governamentais. Alguns artistas atuaram na cidade, desenvolvendo o ensino do desenho e pintura de forma isolada, com aulas particulares ou em instituições de ensino primário e secundário³⁰.

As Exposições Gerais de Belas Artes de Minas Gerais

Em seu primeiro ano em Belo Horizonte, Aníbal Mattos organizou a I EGBA-MG, meses antes de fundar a SMBA. Na primeira edição do evento,

²⁸ Segundo publicação no *Minas Gerais*, “As realizações da veterana Sociedade despertam sempre o maior entusiasmo e sympathia, principalmente porque jamais dependeram do auxilio official, sendo o resultado do esforço constante de seus abnegados componentes e, principalmente, do seu presidente, que tem custeado as exposições até aqui realizada.” Cf.: *Minas Gerais*, 4/9/1936, p. 8

²⁹ A fundação de uma Escola de Belas Artes na capital mineira se deu oficialmente no dia 5 de setembro de 1936, data em que foi realizado o vernissage da XII EGBA-MG no Teatro Municipal de Belo Horizonte. Naquela mesma semana, era realizado o II Congresso Eucarístico Nacional e as comemorações da Semana da Pátria. Não foram localizados estudos a respeito desta Escola que indiquem se os objetivos da SMBA foram efetivamente alcançados a partir de seu funcionamento. Cf.: *Minas Gerais*, 8/9/1936, p. 14.

³⁰ Além da atuação de Aníbal Mattos no ensino do desenho e pintura, podemos identificar os pintores Honório Esteves, em Ouro Preto, Amílcar Agretti e Djanira Seixas Coutinho em Belo Horizonte, que atuavam como professores, oferecendo aulas particulares. Alguns alunos destes artistas também participavam das EGBA-MG.

foram apresentadas centenas de obras enviadas por artistas e colecionadores particulares³¹.

Segundo Rodrigo Vivas, que estudou a produção artística de Aníbal Mattos e a articulação das EGBA-MG, estas exposições se transformaram em um espaço de socialização, com a comercialização de obras e publicização dos nomes de seus compradores, além de viabilizar a participação de artistas considerados como “referências obrigatórias nas artes do Brasil” (VIVAS, 2011).

Desde a I EGBA-MG é possível constatar a capacidade de articulação de Mattos por inaugurar o evento com a presença de artistas já reconhecidos no país, entre eles Argemiro Cunha³² (1880–1940), Arthur Timotheo da Costa³³ (1882–1922), Carlos Oswald³⁴ (1882–1971), Giovanni Battista Castagneto³⁵ (1851–1900), Edoardo De Martino³⁶ (1838–1912), Estevam Silva³⁷ (1845–1891), Francisco Pons Arnau³⁸ (1886–1955), Frederico Antonio Steckel, George Grimm³⁹ (1846–1887), Henrique Cavalleiro⁴⁰ (1892–1975), Hipólito Caron⁴¹

³¹ Na I EGBA-MG, os colecionadores Carlos Góes, Carvalho Britto, Celso Werneck, Flávio dos Santos, Frederico Eiras, Gustavo Pena, Honorato Alves, Olyntho Meirelles e Raymundo Felicissimo enviaram obras dos seguintes artistas: Antônio Leal, Bisagno, Carlos Balliester, Castagneto, Corrêa e Castro, D'Applaincour, Eduardo de Martino, Estevam Silva, Frederico Steckel, Guiomar Drumond, Honório Esteves, Insley Pacheco, José Jacintho das Neves, Ernest Meissonier, Modesto Brocos, Morizet, Nair Meirelles, Olindo Belém, Oscar Pereira da Silva, Rafael e Sousa Pinto.

³² Argemiro Cunha, brasileiro, Rio de Janeiro. Pintor, desenhista, decorador e professor. Formou-se no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA).

³³ Arthur Timótheo da Costa, brasileiro, Rio de Janeiro. Pintor, desenhista, cenógrafo, entalhador e decorador. Formação na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA).

³⁴ Carlos Oswald, brasileiro, nascido na Itália. Gravador, pintor, vitralista, desenhista, professor e escritor. Formou-se no Instituto Galileo Galilei e na Accademia di Belle Arti di Firenze.

³⁵ Giovanni Battista Felice Castagneto, italiano, naturalizado no Brasil. Pintor, desenhista e professor, destacado na pintura de marinhas e paisagens litorâneas. Formação artística realizada na Itália.

³⁶ Edoardo de Martino, italiano. Pintor e professor, especializado em marinhas e cenas navais. Formou-se na Escola Naval de Nápoles.

³⁷ Estêvão Roberto da Silva, brasileiro, Rio de Janeiro. Pintor e professor, reconhecido pelas naturezas-mortas. Formado pela Academia Imperial de Belas Artes (AIBA).

³⁸ Francisco Pons Arnau, espanhol, natural de Valência. Pintor dedicado ao retrato e à pintura de costumes. Formou-se com Joaquín Sorolla.

³⁹ Johann Georg Grimm, alemão. Pintor, professor e decorador, ligado à pintura de paisagem ao ar livre. Formou-se na Academia de Belas Artes de Munique.

(1862–1892), Insley Pacheco⁴² (c.1830–1912), José Marques Campão⁴³ (1892–1949), Modesto Brocos⁴⁴ (1852–1936), Oscar Pereira da Silva⁴⁵ (1867–1939) e Rodolpho Amoedo⁴⁶ (1857–1941). Considerando o ambiente da capital mineira no período, a presença das obras destes artistas pareceu cumprir uma chancela ao evento inaugurado.

Com uma análise de oito edições do evento, ocorridas entre 1917 e 1940, respectivamente I, II, IV, VII, VIII, IX, XII e XX EGBA-MG, foi possível realizar algumas constatações que demonstram o êxito das exposições, dentre eles: a presença de políticos, intelectuais, artistas e público geral; a comercialização de obras; a forte presença de artistas de Minas e de outros Estados da Federação; e a atenção da crítica, que passou a identificar Aníbal Mattos como um artista e agente responsável pela organização e divulgação dos artistas e da arte em Minas Gerais.

Foi possível observar que: 1) na I EGBA-MG houve maior adesão de artistas reconhecidos do campo artístico carioca, convidados por Aníbal Mattos para promover a inauguração do evento. Ao longo das edições seguintes, as exposições passaram a ter uma predominância maior de artistas residentes em Minas Gerais; 2) a XII EGBA-MG, realizada em 1936, destaca-se por ter um caráter retrospectivo. Foram apresentados tanto trabalhos novos quanto obras já exibidas em outras edições do evento.

⁴⁰ Henrique Campos Cavalleiro, brasileiro, Rio de Janeiro. Pintor, desenhista, ilustrador, caricaturista e professor. Formou-se na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e na Académie Julian, Paris.

⁴¹ Hipólito Boaventura Caron, brasileiro, Rio de Janeiro. Pintor e decorador, integrante do Grupo Grimm. Formou-se na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA).

⁴² Joaquim José Insley Pacheco, português, radicado no Brasil. Fotógrafo, pintor e desenhista, destacado retratista da Corte Imperial. Formação em daguerreotípia no Brasil e aperfeiçoamento em Nova York.

⁴³ José Marques Campão, brasileiro, São Paulo. Pintor. Formou-se com Oscar Pereira da Silva e estudou na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts e na Académie Julian, em Paris.

⁴⁴ Modesto Brocos y Gomez, espanhol, radicado no Brasil. Pintor, gravador, ilustrador, desenhista e professor. Formou-se na Academia Imperial de Belas Artes, na École des Beaux-Arts de Paris e em academias de Madri e Roma.

⁴⁵ Oscar Pereira da Silva, brasileiro, Rio de Janeiro. Pintor, desenhista, decorador e professor. Formou-se na Academia Imperial de Belas Artes e aperfeiçoou-se em Paris.

⁴⁶ Rodolfo Amoedo, brasileiro, Salvador (BA). Pintor e professor, renovador do ensino acadêmico no Brasil. Formou-se e lecionou na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA).

Também foi possível identificar alguns aspectos da organização do evento e os critérios estabelecidos para que os artistas enviassem suas obras. A chamada pública para participação das EGBA-MG foi publicada com um tempo mínimo de um mês de antecedência e para participar das exposições o artista deveria enviar as obras acompanhadas de uma ficha contendo informações que poderiam ser acrescentadas ao catálogo, tais como “nome por extenso, título das obras, citação do professor com quem estudou, prêmios porventura obtidos e preços, no caso de serem os trabalhos destinados à venda” (*Minas Gerais*, 27/5/1928, p. 8). Sonia Gomes Pereira menciona um padrão existente na expansão das academias de arte em que havia uma relação fundamental entre aluno e mestre, de modo que, “o aluno se apresentava aos concursos com o seu nome seguido pelo do seu mestre” (Pereira, 2016, p. 25), isso pode ser verificado nos catálogos das Exposições Gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde comumente o nome do artista é apresentado como discípulo de determinado professor.

A participação era aberta a qualquer artista, mesmo aqueles que não fossem associados à SMBA, portanto, foi admitida a participação de artistas de fora de Minas Gerais (*Minas Gerais*, 5/5/1940, p. 5). Também podiam apresentar “qualquer gênero de trabalho: pintura, escultura, arquitetura, gravuras e artes aplicadas e decorativas, desde que os trabalhos sejam originaes e executados do natural” (*O Pharol*, 15/7/1917, p. 2).

Em algumas edições, os trabalhos deveriam “ser originaes, não se admittindo copias” (*Minas Gerais*, 21-22/5/1928, p. 4), entretanto, tanto na lista das obras presentes nos catálogos quanto nas matérias de jornal e textos críticos foi possível identificar que as exposições de 1917, 1919, 1928, 1931 e 1933 admitiram a apresentação de cópias de obras de arte⁴⁷. Os trabalhos enviados pelos artistas eram avaliados por uma comissão organizadora que era nomeada para cada edição do evento.

⁴⁷ Não localizamos informações, ao longo desta pesquisa, da forma como as cópias eram apresentadas, se existia um espaço específico que dividisse os trabalhos dos originais.

As EGBA-MG foram realizadas em três espaços em Belo Horizonte: em 1917 e 1919 no Conselho Deliberativo (atual Museu da Moda⁴⁸); nos anos 1928, 1930, 1931, 1933 e 1936 no Teatro Municipal⁴⁹ e em 1940 na Escola Normal (atual Instituto de Educação de Minas Gerais – IEMG⁵⁰). Apenas dois dos três edifícios mencionados ainda existem na capital mineira.

Em alguns registros fotográficos do ano de 1933, podemos visualizar como eram organizadas as obras nas Exposições Gerais (Figuras 2, 3 e 4). A organização é bastante similar às exposições que Aníbal Mattos organizava à frente do Centro Artístico Juventas⁵¹ (Figuras 5 e 6), no Rio de Janeiro: diversos trabalhos emoldurados, pendurados em pequenas paredes, com relativa proximidade uns sobre os outros e uns ao lado dos outros.



Figura 2. Artistas expositores da IX Exposição Geral de Belas Artes de Minas Gerais, 1933. Fotografia. Acervo da família Augusto de Lima, Arquivo Público Mineiro.

⁴⁸ O edifício do Museu da Moda está localizado na Rua da Bahia, n. 1149.

⁴⁹ O prédio do Teatro Municipal foi readequado na década de 1940, transformando-se no Cine Metrópole, demolido no ano de 1983.

⁵⁰ O edifício do IEMG está localizado na R. Pernambuco, n. 47.

⁵¹ A partir de 1910, Aníbal Mattos fundou e passou a presidir o Centro Artístico Juventas (CAJ), uma organização artística formada por jovens artistas vinculados à ENBA, que promoveu exposições de arte paralelas às Exposições Gerais de Belas Artes. Suas primeiras exposições foram organizadas em espaços institucionais da ENBA, do Liceu de Artes e Ofícios (LAO-RJ), da Associação da Imprensa e da Associação dos Empregados do Comércio do Rio. O Centro Artístico Juventas teve seu nome alterado no ano de 1921 para Sociedade Brasileira de Belas Artes (SBBA). Cf.: Senna. *D. Quixote*, 26/10/1921, p. 26.



Figura 3. Artistas expositores em uma das edições da Exposição Geral de Belas Artes de Minas Gerais. Fotografia enviada por Gustavo Capanema a Renato Augusto de Lima. Acervo da família Augusto de Lima, Arquivo Público Mineiro.



Figura 4. Aníbal Mattos e Ângelo Biggi na montagem da IX Exposição Geral de Belas Artes de Minas Gerais, realizada em 1933. Fotografia. Acervo da família Augusto de Lima, Arquivo Público Mineiro.

Nos registros também podemos identificar a presença de alguns expositores (Figuras 2 e 3) que posavam frente aos trabalhos em exibição, e um registro do momento em que Aníbal Mattos, auxiliado por Ângelo Biggi realizava a fixação das obras sobre a parede para a IX Exposição Geral em Belo

Horizonte (Figura 4), similares à forma com que eram organizadas as obras nas exposições também organizadas por Aníbal Mattos no Rio de Janeiro, à exemplo da III Exposição do Centro Artístico Juventas (Figuras 5 e 6).



Figura 5. III Exposição do Centro Artístico Juventas, realizada no Rio de Janeiro. Fonte: E..
Ilustração Brasileira, 16/8/1913, p. 277-278.



Figura 6. III Exposição do Centro Artístico Juventas, realizada no Rio de Janeiro. Fonte: E..
Ilustração Brasileira, 16/8/1913, p. 277-278

Além dos registros fotográficos que possibilitam imaginar o nível de comprometimento de Aníbal Mattos com as Exposições Gerais, atuando em cada um dos seus aspectos, também temos uma noção de sua atuação pelo discurso de Moacyr Andrade, pronunciado na Academia Mineira de Letras, sob o título *Aníbal Mattos, substantivo coletivo*. Em sua chegada a Minas, Aníbal Mattos buscou os artistas existentes no Estado: “Onde lhe contavam haver alguém que pintava, lá estava ele, para ver e incentivar” (Andrade. *Minas Gerais*, 17/7/1969, p. 5), tendo o objetivo de “tornar Belo Horizonte uma Cidade de Arte”, de “Criar a mentalidade artística”, ele dava ânimo “a quem quer que fosse que tivesse uns pincéis em casa e alguma vez com eles tivesse feito um quadrinho”.

Ao lançar a I EGBA-MG, Mattos vasculhou todo o Estado mineiro e “os pintores que ia descobrindo e convocando, nem queriam fazer o despacho dos quadros que ele pedia para a Exposição” (Andrade. *Minas Gerais*, 17/7/1969, p. 5), por isso, o pintor “pagava então o frete com o seu dinheiro”. Muitos expositores que eram chamados a expor “nem queriam emoldurar as suas telas. Ele pagava as molduras...”. Seu esforço fez surgir na cidade “talentos artísticos desconhecidos que impressionaram” e “havia quadros ótimos, razoáveis, sofríveis e quadros medíocres”, mas a qualidade não era o fator crucial, “o catequista não quer que aqueles a quem vai conheçam a Bíblia de cor: quer é difundir a Fé e iniciá-los no Catecismo”.

Considerações Finais

As Exposições Gerais de Belas Artes de Minas Gerais (1917-1940), organizadas por Aníbal Mattos através da Sociedade Mineira de Belas Artes (SMBA), representaram um marco no circuito artístico em Belo Horizonte. O artista atuou como catalisador desse processo, promovendo a integração entre artistas locais e nacionais, além de fomentar o debate crítico por meio da imprensa. A análise de catálogos, registros fotográficos e críticas da época

demonstra como essas exposições superaram a precariedade de infraestrutura e a ausência de políticas públicas culturais, constituindo-se como espaço fundamental para a legitimação da produção artística.

Apesar da relevância histórica, as EGBA-MG enfrentaram desafios estruturais, como a falta de apoio financeiro governamental e a carência de espaços expositivos adequados. Mattos financiou grande parte das atividades, evidenciando a fragilidade institucional do campo artístico no período. As exposições, contudo, cumpriram papel formativo ao estimular a profissionalização de artistas e a formação de público, além de estabelecer diálogos com o cenário nacional, como demonstra a participação de nomes consagrados da ENBA na primeira edição do evento.

A documentação analisada, incluindo matérias jornalísticas, atas e fotografias, revela a complexidade do cenário, marcado por contradições entre o ideal artístico de Mattos e as limitações materiais e financeiras. A persistência das EGBA-MG por mais de duas décadas, mesmo sem recursos estáveis, atesta sua importância como projeto artístico-cultural na cidade. Este estudo reforça a necessidade de pesquisas que aprofundem a análise das exposições de arte realizadas em Belo Horizonte, contribuindo para a historiografia da arte brasileira.

Recebido em: 10/03/26 – Aceito em: 20/03/26

Referências

A Província de Minas, Ouro Preto, n. 247, 12 fev. 1885, p. 1.

Andrade, Moacyr. Anibal Mattos, substantivo coletivo. Minas Gerais, Belo Horizonte, 17 jul. 1969, p. 5.

Ávila, Cristina. Aníbal Mattos e seu tempo. In: Lima, Luís Augusto de. Aníbal Mattos e seu tempo. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1991, p. 7–17. Catálogo de Exposição.

Bilac, Olavo. Emílio Rouède. DIMAS, Antonio (org). Olavo Bilac: Vossa insolência - Crônicas. Companhia das Letras, 1996. Col. Retratos do Brasil. p. 112–114.

Bourdieu, Pierre. Gênese histórica da estética pura. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989, p. 281–298.

Bueno, Alexei. Rouède. In: Bueno, Alexei. O Brasil do século XIX na Coleção Fadel. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Sergio Fadel, 2004, p. 120–121.

Capichoni, A. T. Arrufos ou adultério?: debates sobre uma tela de Belmiro de Almeida. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

Catálogo da 1ª Exposição Geral de Bellas Artes de Minas Geraes (organizada por iniciativa do professor Aníbal Mattos) – Palácio do Conselho Deliberativo. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, 1917. Catálogo de Exposição.

Catálogo da II Exposição Geral de Bellas Artes de M. Geraes organizada pela Sociedade Mineira de Belas Artes no Palácio do Conselho Deliberativo. Belo Horizonte: Typ. Athene, 1919. Catálogo de Exposição.

Catálogo da IV Exposição Geral de Bellas Artes de Minas Geraes organizada pelo prof. Aníbal Mattos. Homenagem dos artistas expositores à Dr. Carlos Ribeiro de Andrada. Belo Horizonte: [s.n.], 1928. Catálogo de Exposição.

Catálogo da IX Exposição de Belas Artes de Minas-Gerais organizado pelo prof. Anibal Mattos. Belo Horizonte: [s.n.], [s.d.] . Catálogo de Exposição.

Catálogo da XII Exposição da Sociedade Mineira de Bellas Artes: Comemorativa do II Congresso Eucharístico Nacional. Belo Horizonte: [s.n.], set. 1936. Catálogo de Exposição.

Catálogo Ilustrado da VII Exposição de Bellas Artes de Minas Geraes. Bello Horizonte: [s.n.], 1929-1930. Catálogo de Exposição.

Catálogo Ilustrado da VIII Exposição de Bellas Artes de Minas Geraes organizada pelo professor Aníbal Mattos (sob os auspícios da Sociedade Mineira de Bellas Artes). Bello Horizonte: [s.n.], dez. 1931. Catálogo de Exposição.

Cavalcanti, A. M. T. Belmiro de Almeida (1858-1935), Oscar Pereira da Silva (1867-1939) e o polêmico concurso para Prêmio de Viagem de 1887. In: Ribeiro, M. A.; Ribeiro, M. I. B. Colóquio do Comitê Brasileiro de História Da Arte, 26, 2006, São Paulo. Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007. p. 261–269.

Cavalcanti, Ana; Oliveira, Emerson Dionísio; Couto, Maria de Fátima Morethy; Malta, Marize. Apresentação. In: Cavalcanti, Ana; Oliveira, Emerson Dionísio; Couto, Maria de Fátima Morethy; Malta, Marize. Histórias da arte em exposições: modos de ver e exibir no Brasil. 1ª Ed. [S.l.]: Rio Books; Fapesp, 2016, p. 7–8.

Duque Gonzaga, L. VII Belmiro de Almeida. In: Duque Gonzaga, L. A arte brasileira. Introdução e notas de Tadeu Chiarelli. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 209–214. (Coleção Arte: Ensaios e Documentos).

Encerramento da Exposição da Sociedade Mineira de Bellas Artes. Minas Geraes, Belo Horizonte, 29 set. 1936, p. 9.

Exposição Annibal Mattos. Minas Gerais, Belo Horizonte, 7 ago. 1913, p. 5. Artes e Artistas.

Exposição Geral de Bellas Artes de Minas Geraes. Minas Gerais, Belo Horizonte, 21-22 mai. 1928, p. 4.

Exposição Geral de Bellas Artes. Minas Geraes, Belo Horizonte, 27 mai. 1928, p. 8.

Exposição Mattos. Minas Gerais, Belo Horizonte, 16 ago. 1913. Artes e Artistas, p. 5

Giannetti, R. (org.). “Notícias Artísticas”, por Armínio de Mello Franco: comentário sobre a exposição de pinturas de Belmiro de Almeida realizada na Escola Nacional de Belas Artes, em setembro de 1894. 19&20, Rio de Janeiro, v. V, n. 4, out./dez. 2010a. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artigos_imprensa/amfranco1.htm. Acesso em: 15 fev. 2020.

Giannetti, Ricardo. A trajetória de Frederico Steckel (1834-1921). In: Alves, Célia Regina Araújo; Quadros, Christiano Marcos Ribeiro. Caderno de textos: inverno no MHAB 2013-2014. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura; Museu Histórico Abílio Barreto, 2016, p. 131.

Giannetti, Ricardo. Em defesa do patrimônio artístico de Ouro Preto: lembrando as ações do pintor Honório Esteves. In: Giannetti, Ricardo. Ensaios para uma história da arte de Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 61–85.

Giannetti, Ricardo. Emilio Rouède: origine de l'art au pays de l'or. In: GIANNETTI, Ricardo. Ensaios para uma história da arte de Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 33–46.

Giannetti, Ricardo. Emílio Rouède: tempo de Minas. In: Valle, Arthur; Dazzi, Camila (.org). Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010b, p. 540–550.

Giannetti, Ricardo. Frederico Steckel: artista do Império e da República. In: Giannetti, Ricardo. Ensaios para uma história da arte de Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 101–142.

Giannetti, Ricardo. Frederico Steckel: pintor-decorador do Império e da República. In: Anais do IV Colóquio Internacional - A Casa Senhorial: anatomia dos interiores. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 7-9 jun. 2017b, p. 164–167.

Giannetti, Ricardo. O ateliê de pintura de Honório Esteves. In: Valle, Arthur. DAZZI, Camila; Portella, Isabel; SILVA, Rosangela (orgs.). Oitocentos – Tomo IV: O ateliê do artista. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2017a, p. 243–261.

Giannetti, Ricardo. O ensino de Desenho elementar e a lição artística moderna em Ouro Preto no final do século XIX. In: Giannetti, Ricardo. Ensaios para uma história da arte de Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 87–100.

Gonzaga Duque, Luiz. Castagneto. In: Gonzaga Duque, Luiz. Graves & Frívolos (por assuntos de arte). Fundação Casa de Rui Barbosa: Sette Letras, 1997, p. 55–56.

Gonzaga Duque, Luiz. IX. In: Gonzaga Duque, Luiz. A Arte Brasileira. Mercado das Letras, Campinas, 1995, p. 220–221.

Grande Exposição de Belas Artes. Minas Gerais, Belo Horizonte, 5 mai. 1940, p. 5.

Miranda, Gabriela. Aníbal Mattos, substantivo coletivo: artista e intelectual, agente ideário do campo artístico em Minas Gerais. Dissertação (mestrado), Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.

Museu Nacional De Belas Artes. Emílio Rouède (1848-1908). Apres. Alcidio Mafra de Souza, Texto de Marcus Tadeu Daniel Ribeiro. Rio de Janeiro: Colorama, 1988.

Netto, Azeredo. Trechos. Minas Gerais, Belo Horizonte, 13 ago. 1913, p. 2

Netto, Azeredo. Trechos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 19 jun. 1913, p. 2-3

Notas Artísticas: Emilio Rouède. Minas Geraes, Ouro Preto, n. 64, 08 mar. 1894, p. 02

Penna, Manoel. Exposição de Pintura. Minas Gerais, Belo Horizonte, 23 ago. 1913. p. 2.

Penna, Manoel. Exposição de Pintura. Minas Gerais, Belo Horizonte, 23 ago. 1913. p. 2.

Pereira, Sonia Gomes. Arte, ensino e academia: estudos e ensaios sobre a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, 1º. Ed. Rio de Janeiro: Faperj, 2016.

Pereira, Sonia Gomes. Expansão das academias na Europa e especificidade do modelo francês. In: Pereira, Sonia Gomes. Arte, ensino e academia: estudos e ensaios sobre a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, 1º. Ed. Rio de Janeiro: Faperj, 2016, p. 25

Primeira Exposição Geral de Bellas Artes de Minas Gerais. Minas Gerais, Belo Horizonte, 6 set. 1917, p. 7. Artes e Artistas.

Reis Jr. J. M. Belmiro de Almeida – 1858–1935. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1984.

Rocha, Tássia Christina Torres. Honório Esteves e a Preservação do Patrimônio Artístico Nacional no Século XIX. ROCALHA: Revista eletrônica do Centro de Estudos e Pesquisas em História da Arte e Patrimônio da UFSJ, São João del-Rei, ano I, v. I, 2020, p. 284–302.

Rocha, Tássia Christina Torres. O pensamento preservacionista no século XIX: o pioneirismo de Honório Esteves. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Conservação e Restauro, Instituto Federal Minas Gerais, Ouro Preto, 2017, 89 f.

Santos, A. C. Belmiro de Almeida e o realismo: da glosa ao encanto da proximidade. *Crítica Cultural*, v. 4, n. 2, 2009, p. 247–253.

Schiavinatto, I. L. Das tramas do ver: Belmiro de Almeida. 1990. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

Sociedade Mineira de Belas Artes: Extrato dos Estatutos. Minas Gerais, Belo Horizonte, 24 jun. 1937, p. 12-14. Secção Alheia.

Sociedade Mineira de Bellas Artes, fundada em 13 de maio de 1918. XX Exposição Geral de Bellas Artes: em homenagem ao exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, presidente de honra da Sociedade Mineira de Bellas Artes e do exmo. Sr. Governador Benedicto Valladares. Belo Horizonte: [s.n], mai. 1940. Catálogo de Exposição.

Sousa, G. de M. Pintura Brasileira Contemporânea – os precursores. In: SOUSA, G. de M. Exercícios de leitura. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

Tavares, André. Émile Rouède, Olavo Bilac e a criação de uma história das artes em Minas Gerais no século XIX. Rotunda, Campinas, n. 2, agosto 2003.

Vieira, S. M. À flor da pele: “Amuada” de Belmiro de Almeida e a pintura na segunda metade do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

Vivas, Rodrigo. “Má notícia”: a suprema dor de Belmiro de Almeida. In: CHILÓN, Alberto [et. al.] (org.). XI Seminário do Museu D. João VI: Grupo Entresséculos: professores-alunos-artista na Academia e no acervo do Museu D. João VI. Rio de Janeiro:Albatroz, 2022b, p. 415–430.

Vivas, Rodrigo. Análise da produção do pintor Aníbal Matos em Belo Horizonte - 1917-1944. In: Ambrosio; Eliana Ribeiro; Nucci, Angela; Philippov, Karin; Ragazzi, Alexandre; Ribeiro, Mariana Karina; Silva, Maria Antonia Couto; Silva, Maria do Carmo Couto; Silva, Rosangela de Jesus (orgs.). III Encontro de História da Arte - História da Arte e instituições culturais: Perspectivas em Debate. Campinas: IFCH/Unicamp, 2007, p. 66–75.

Vivas, Rodrigo. Aníbal Mattos e as Exposições Gerais de Belas Artes em Belo Horizonte. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 3, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/rv_am.htm>. Acesso em 30 mar. 2023.

Vivas, Rodrigo. Aníbal Mattos: o pintor inaugural e a tradição visual. In: VIVAS, Rodrigo. Por uma história da arte em Belo Horizonte: artistas, exposições e salões de arte. Belo Horizonte: C/Arte, 2012, p. 42–64.

Vivas, Rodrigo. Honório Esteves: a construção do artista moderno em Minas Gerais. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 12, n. 26, 2022a, p. 153–171.

Vivas, Rodrigo. Os Salões Municipais de Belas Artes e a Emergência da Arte Contemporânea em Belo Horizonte: 1960-1969. 2008. Tese (doutorado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Vivas, Rodrigo. Um grande negócio: três pinturas de Emílio Rouède em troca de uma cidade. *Imagem: Revista de História da Arte* 3 (2), 2023, p. 54-91. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/img/article/view/16218/11701>>. Acesso em: 20 jan. 2026.

Vivas, Rodrigo; ASSIS, Márcia Georgina de. A Academia Imperial de Belas Artes no Museu Mineiro. *19&20*, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/mm_aiba.htm>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Vivas, Rodrigo; MIRANDA, Gabriela. Emilio Rouède: das marinhas à cidade moderna. *19&20*, Rio de Janeiro, v. XIII, n. 1, jan.-jun. 2018. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/rv_rouede.htm>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Zago, Renata. História(s) de exposições: perspectivas e trajetórias. In: ZAGO, Renata (org.). *História(s) de exposições: perspectivas e trajetórias*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021, p. 8–15.